

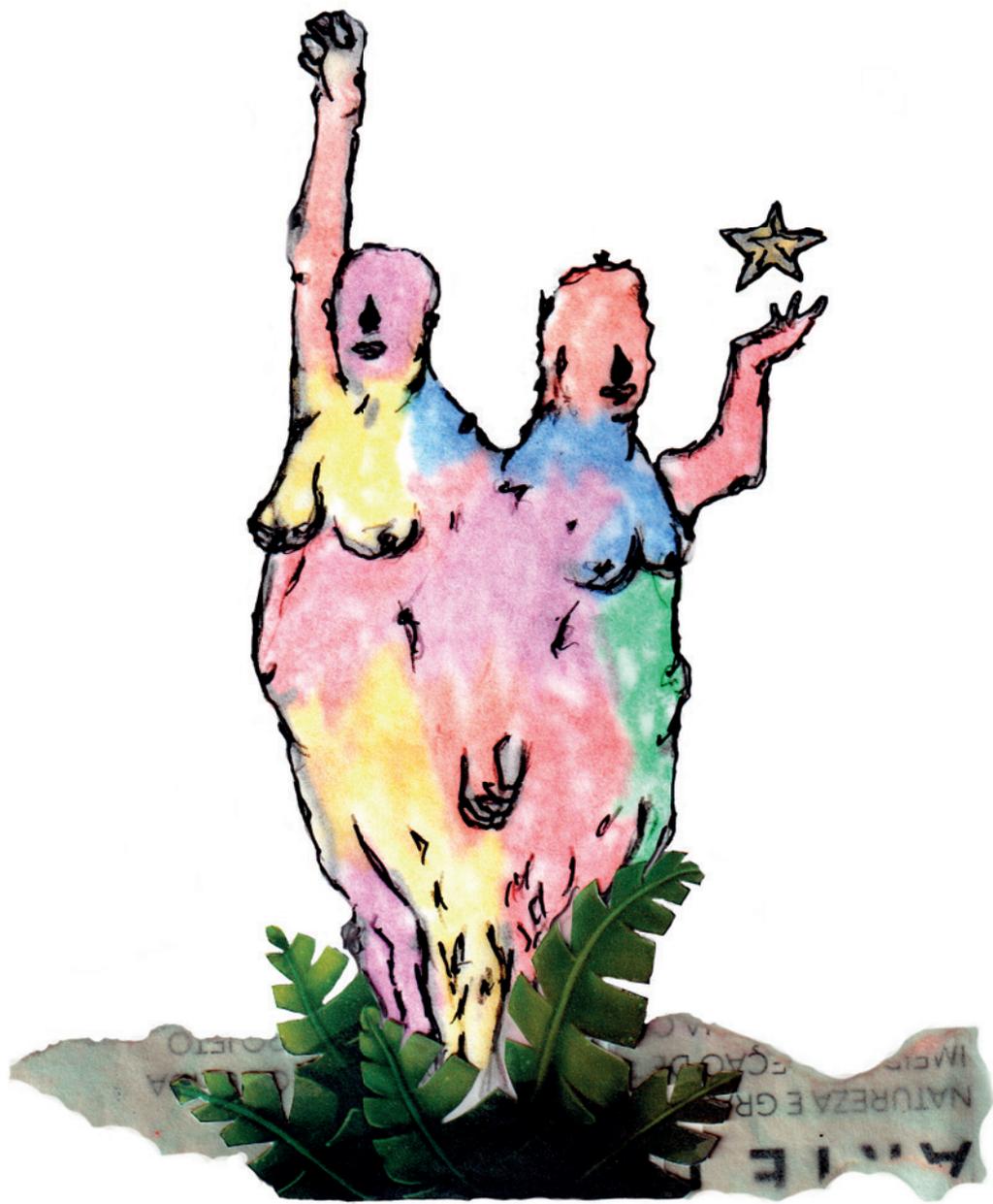
4º Seminário **Velhices LGBT**

Nossos tempos e as
questões de gênero,
saúde e sexualidade.



12 e 13 de agosto de 2021





4º Seminário Velhices LGBT



“Nossos tempos e as questões de gênero, saúde e sexualidade”.

Esse é o tema da 4ª edição do **Seminário Velhices LGBT**, evento anual que nasceu em 2017 e, desde 2019, é realizado em parceria entre o Sesc e a Associação EternamenteSOU.

Neste ano, o seminário acontece nos dias 12 e 13 de agosto, nos canais do Sesc Pompeia e da EternamenteSOU, no Youtube.

Para o **Sesc São Paulo**, ações como essas jogam luz às questões relacionadas ao envelhecimento, refletindo a realidade desafiadora da comunidade LGBT que, além de conviver com os estereótipos e preconceitos da velhice, acumula a violência e invisibilidade que marcam suas vidas.

Nos últimos meses, vivenciamos momentos bem desafiadores, onde as pessoas idosas foram violentadas em diferentes contextos: da infantilização, do idadismo (preconceito etário) e da imposição social de um lugar destinado à morte: o “grupo de risco”, chegando ao extremo da necropolítica de nossos tempos: o gerontocídio.

De modo geral, as questões relacionadas às subjetividades e aos preconceitos estruturais, como machismo, racismo e LGBTfobia ficaram também muito expostas, apresentando situações de vulnerabilidades que são formadas pela estrutura social que reforça as desigualdades.

A **Associação EternamenteSOU** é um centro de referência e convivência para pessoas LGBTs 50+, que tem como objetivo a promoção e a valorização da pessoa idosa, tirando-a da dupla invisibilidade e oferecendo apoio psicossocial e bem-estar.

A Eternamente SOU:

Em 2017, formou-se em São Paulo o coletivo Eternamente SOU, que posteriormente assumiu a identidade de organização não governamental (ONG), com o objetivo de dar visibilidade às questões que norteiam as velhices LGBT. Com programas voltados para profissionais que atuam na rede socioassistencial e de saúde, a Associação Eternamente Sou investe na capacitação desses profissionais, favorecendo uma cultura gerontológica mais sensível às especificidades dessa população, unindo saberes e experiências.

A Eternamente SOU foi pioneira no Brasil na realização de eventos específicos com a temática Velhices LGBT em parcerias com o poder público e legislativo municipal, tais como: Seminário Velhices LGBT, Curso de Introdução às Velhices LGBT e Papo Diversidade.

Atua em ações estratégicas para visibilidade do tema, para capacitação de profissionais e para fomento e fortalecimento de políticas públicas que atendam às especificidades dessa população.

Esse ano, participamos da primeira audiência pública na Câmara Federal onde as velhices LGBT foram abordadas pela primeira vez na história do Brasil.

A Eternamente SOU realiza também eventos e atividades socioeducativas para favorecer o autoconhecimento, a autonomia, a independência e uma melhor qualidade de vida das pessoas idosas LGBT por meio de linguagens artísticas, oficinas de autoconhecimento, culinária, ensino de idiomas, treinamento em informática, entre outras atividades.

Eventos como o Café e Memórias LGBT, favorecem o reforço dos vínculos afetivos e de pertencimento, aspectos relevantes para o fortalecimento da rede de suporte social e de enfrentamento à solidão e ao isolamento.

Em tempos de isolamento social, por conta da pandemia imposta ao mundo pelo vírus da covid-19, a Eternamente Sou se organizou para atividades online de forma a permitir que esses vínculos não fossem quebrados, ao contrário, fossem fortalecidos. Através de atividades online, duas ou mais vezes ao dia, de segunda a sexta, desde o dia 16 de março de 2020, conseguimos não só manter, mas aumentar o alcance do nosso trabalho. Já são mais de 600 horas ao vivo com mais de 3.000 participações das pessoas LGBT 50+.

O atendimento psicológico presencialmente, passou para o virtual, assim como o atendimento jurídico.

A criação do programa Fome de Atitude, permitiu a distribuição de cestas básicas para a população com maior grau de vulnerabilidade, o que é imperativo nesse momento crítico.

O 4º Seminário de Velhices LGBT 50+ que apresentamos aqui, será totalmente virtual, mas nem por isso menos empolgante e cheio saberes fundamentais para o entendimento da população LGBT 50+.

Estamos atuando virtualmente nesse momento, porém sem perdemos o calor do contato com nossos pares. Nossas pessoas assistidas contam conosco para suas demandas e são elas que nos motivam e nos dão energia nessa luta.



Índice

- 10** Reflexões sobre a velhice
- 18** Sobre o tempo...
- 22** O eu que envelhece e seus mitos sagrados
- 28** Gênero, sexualidade e envelhecimento
- 30** Por que falar em envelhecimento e saúde LGBT?
- 34** Sexualidade e vulnerabilidades
- 38** Libido, tesão e opressão
- 42** Sexualidade e diversidade
- 46** Programação
- 50** Convidados e convidadas
- 58** Memória

REFLEXÕES SOBRE AS VELHICES

Diego Felix Miguel



Mestre em Filosofia (USP), Especialista em Gerontologia pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG), Professor de pós-graduação em Gerontologia e Padrinho da Associação EternamenteSou.

“Por oposição aos gerontologistas, que analisam a velhice como um processo biológico, eu estou interessado na velhice como um acontecimento estético. A velhice tem a sua beleza, que é a beleza do crepúsculo. A juventude eterna, que é o padrão estético dominante em nossa sociedade, pertence à estética das manhãs. As manhãs têm uma beleza única, que lhes é própria. Mas o crepúsculo tem um outro tipo de beleza, totalmente diferente da beleza das manhãs. A beleza do crepúsculo é tranquila, silenciosa – talvez solitária. No crepúsculo tomamos consciência do tempo. Nas manhãs o céu é como um mar azul, imóvel. No crepúsculo as cores se põem em movimento: o azul vira verde, o verde vira amarelo, o amarelo vira abóbora, o abóbora vira vermelho, o vermelho vira roxo – tudo rapidamente. Ao sentir a passagem do tempo nos apercebemos que é preciso viver o momento intensamente. Tempus fugit – o tempo foge –, portanto, carpe diem – colha o dia. No crepúsculo sabemos que a noite está chegando. Na velhice sabemos que a morte está chegando. E isso nos torna mais sábios e nos faz degustar cada momento como uma alegria única. Quem sabe que está vivendo a despedida olha para a vida com olhos mais ternos.”

Rubem Alves

Quem dera se todos nós tivéssemos esse olhar poético sobre a velhice, valorizando as tantas possibilidades de vivenciá-la de forma libertária, representativa e significativa, sem as amarras dos mitos e estereótipos que impõem sobre a pessoa idosa uma condição de vulnerabilidade social, deixando-a mais exposta à violência, em suas diferentes expressões. Quem dera o Estado e a sociedade tivessem a compreensão da importância das pessoas idosas para as produções afetivas, culturais, artísticas, políticas...

A juventude tem lá seus privilégios, que, numa análise simplista, é uma categoria social valorizada por sua capacidade de produção e exposta ao consumo, aspectos valorizados no sistema capitalista; que, em contraponto, submete a condição da velhice a um desprivilégio social, permeado por ideias de improdutividade, incapacidade e, pasme, doença!

Você já parou para pensar quantas vezes ouviu algum comentário ou até mesmo já associou dores, limitações funcionais e cansaço à velhice?

Diariamente, esse constructo social é reforçado em nossos discursos, naturalizado e imprudente, não apresentando, grosso modo, nenhuma problemática. Infelizmente, trabalhando com Direitos Humanos da Pessoa Idosa, já ouvimos isso e consideramos que relativizar esses tipos de discurso faz parte de uma perversidade posta socialmente, que legitima a desigualdade social.

Você sabia que a Organização Mundial da Saúde incluiu a velhice na nova edição da Classificação Internacional de Doenças – o código CID 11-MG2A, pelo qual a partir de janeiro de 2022 a classificará como doença?

Esse é o fruto da deslegitimação de todo o investimento que há mais de 20 anos tem sido realizado a partir da Programa de Envelhecimento Ativo e tantas outras frentes da própria Organização Mundial da Saúde, que foram estruturados para potencializar internacionalmente um processo de envelhecimento com oportunidades e uma velhice digna para todas as pessoas. É um reforço de um estereótipo da velhice que infelizmente está sendo endossado pelo principal órgão de autoridade em saúde mundial.

Simone de Beauvoir, filósofa francesa e referência do feminismo, escreveu no livro *O Segundo Sexo* (1949): “Nunca se esqueça de que basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados. Esses direitos não são permanentes. Você terá que se manter vigilante durante toda a sua vida...”, e, de fato, sabemos o quanto é pernicioso o machismo, que integra nossa estrutura sociocultural e condiciona as mulheres a um contexto de desigualdade.

Esse mesmo pensamento pode ser aplicado ao contexto que apresentamos, é o idadismo – o preconceito etário que afeta todas as gerações, mas principalmente impõe sobre as pessoas idosas um lugar social desprivilegiado, num momento da vida em que podem estar mais expostas à vulnerabilidades e com demandas de maior suporte social.

O processo de envelhecimento é transversal aos Direitos Humanos e demanda inúmeras frentes para o aprofundamento das questões que envolvem a diversidade, seja ela sexual e de gênero, raça ou etnia e tantas outras possibilidades, que são as interseccionalidades, aspectos que nos colocam num lugar social específico, em condições de privilégio, mas, em

muitos casos, de desprivilégios, que são determinados socialmente por causa dos preconceitos e da discriminação que comprometem as formas de acesso fundamentais e que compreendem a dignidade humana.

Já imaginou que o impacto de uma determinação como o CID, que qualifica a velhice como doença, também será diferente para cada pessoa? Podemos inicialmente pensar que os fatores econômicos sejam um dos mais importantes nesse contexto, mas, considerando que as pessoas idosas LGBT já são submetidas às condições de violência estruturais, dá para imaginar como será lidar com mais esse fator?

Além do nefasto discurso fundamentalista da “cura gay”, que infelizmente integra um dos mais perniciosos discursos fundamentalistas e que afeta a vida de muitas pessoas LGBT, como será com as pessoas idosas LGBT? Estarão submetidas enquanto pessoas idosas a uma “cura da velhice”? Como será essa percepção quando envolvermos outras características, como cor, etnia e classe econômica?

Vale reforçar que somente agora as velhices LGBT tiveram notoriedade em discussões de políticas públicas para o envelhecimento e também maior visibilidade com pesquisas e estudos que há anos estão sendo produzidos no campo científico do Brasil.

Por isso é necessário falar sobre diversidade e, nesse espaço especificamente, falar sobre Velhices LGBT, uma pauta que a Associação EternamenteSou tem defendido com afinco desde 2017 e que, desde então, se tornou uma das principais instituições de referência no assunto, pelo pioneirismo e pela ousadia, ao romper com o silenciamento e a invisibilidade que foram impostos a toda uma geração de pessoas LGBT, que, mesmo com histórias marcadas por lutas e resistências, na velhice foi submetida a uma dupla, tripla ou quádrupla invisibilidade, quando considerados outros fatores que compõem sua identidade sociocultural e que a submete à condição de marginalização.

As velhices são plurais e complexas, as possibilidades do envelhecer não se esgotam, e esse é o grande trunfo da poesia de Rubem Alves, quando sugere a sua relação com o crepúsculo: “(...) onde as cores se põem em movimento: o azul vira verde, o verde vira amarelo, o amarelo vira abóbora, o abóbora vira vermelho, o vermelho vira roxo”. Essa é poesia da resignificação, em que toda a experiência de uma vida deve ser valorizada e protagonizada, numa transgressão à normatividade que deslegitima a participação social da pessoa idosa em sua diversidade, e muito além da condição etária, mas pela representatividade que ocupa em seu lugar social.

Este é nosso papel, resistir enquanto minorias sociais – ou seja, enquanto grupo que, apesar de ter direitos conquistados, ainda é frágil contra a investida de um sistema perverso e opressor, assim como nos elucida Simone de Beauvoir, que continua tão contemporânea, mesmo depois de 72 anos do lançamento de seu livro.

Precisamos falar sobre envelhecimento e velhices LGBT.







SOBRE O TEMPO...

Letícia Lanz

Psicanalista, especialista em Gênero e Sexualidade pela UERJ e mestra em Sociologia pela UFPR. Mestrado em Administração de Empresas na UFMG, tendo atuado por 30 anos como Consultora na área de Recursos Humanos, Desenvolvimento Gerencial e Desenvolvimento de Equipes de Trabalho, em organizações públicas e privadas do país e do exterior. Entre suas obras publicadas estão O Corpo da Roupa: Introdução aos Estudos Transgêneros (editora Transgente) e Eu, Comigo, Aqui e Agora (editora Cia. para Crescer), entre outros. Membro da Comissão da Diversidade Sexual e de Gênero da Ordem dos Advogados do Brasil Paraná.

A descoberta das dimensões do tempo está certamente entre as coisas geniais que o pensamento grego produziu muitos séculos antes de Cristo. Os gregos conseguiam identificar dois tipos de tempo – ou duas “dimensões” do tempo –, que eles chamavam de Cronos e Kairós.

Cronos se referia ao tempo lógico – o tempo sequencial, que passa, determinando a existência de passado, presente e futuro. É importante lembrar que Cronos, na mitologia grega, é o deus que devora suas crias, tal qual o tempo cronológico faz com cada criatura que existe nesse mundo.

Kairós se referia ao tempo psicológico – o tempo da memória e da imaginação –, para o qual não há passado, presente ou futuro. Ao contrário do tempo cronológico, que literalmente devora seus filhos e, portanto, encerra definitivamente a sua possibilidade de ação na mesma medida em que vai passando, o tempo “kairológico” permanece como um universo permanentemente aberto, pleno de possibilidades de reflexão e ação, independentemente do momento histórico em que a pessoa se situa.

Foi graças à identificação e compreensão do tempo psicológico (ou kairológico) que os gregos conseguiram, por exemplo, “inventar” o teatro, em que, no início de uma peça, o ator é criança, minutos depois é jovem e mais alguns minutos se torna adulto, podendo voltar a qualquer momento à sua infância, sem que se perca o fio da narrativa temporal. Algo impossível de conceber quando tratamos do tempo cronológico, em que as coisas não só ocorrem sequencialmente como não podem voltar atrás.

A vida se desenvolve tanto no plano cronológico quanto no plano kairológico, tanto no tempo lógico quanto no plano psicológico. Mas uma coisa muito dura é quando as pessoas se tornam reféns do tempo cronológico, perdendo inteiramente a referência da imaginação, da oportunidade sempre aberta de viver a vida como ela é e como ela se apresenta a cada momento.

Infelizmente, a tendência é que, de um jeito ou de outro, quase todo mundo se torne escravo de Cronos, deixando-se “devorar” pelo deus tempo, angustiado, passivo e deprimido.

É muito comum a gente ouvir alguém dizer: “Estou muito velha para isso ou aquilo”. Ou, pior ainda, gente tentando “rejuvenescer” fisicamente, como se pudesse reverter o tempo e viver em momentos que não existem mais.

Embora a grande maioria não se dê conta disso, muito mais do que o “tempo Cronos”, é o “tempo Kairós” que preside a nossa vida – quando, evidentemente, as pessoas permitem que isso aconteça. Quando elas não se deixam escravizar por Cronos e, a despeito do passar do tempo, conservam o senso de oportunidade e a imaginação criativa.

Como diz a velha canção: “Quem sabe faz a hora/ Não espera acontecer”.





O EU QUE ENVELHECE E SEUS MITOS SAGRADOS

João Silvério Trevisan

Ativista na área de direitos humanos, fundou em 1978 o Somos, primeiro Grupo de Liberação Homossexual do Brasil. Tem catorze livros publicados, sejam ensaios, romances ou contos. Entre outros, é autor do romance *Pai, Pai* (editora Alfaguara) e do já clássico estudo multidisciplinar *Devassos no Paraíso* (editora Objetiva). Realizou também trabalhos como roteirista e diretor de cinema, dramaturgo, tradutor e jornalista. Recebeu três vezes os prêmios Jabuti e da Associação Paulista dos Críticos de Artes (APCA). Em 2018, foi finalista dos prêmios Jabuti e Oceanos.

Na experiência humana, envelhecer provoca, quase inevitavelmente, o surgimento de mitos com base em experiências do passado. Quando olhadas retroativamente, as histórias acumuladas na velhice implicam um elemento crescente de paradoxos. Talvez porque, já em si mesmo, o processo do envelhecimento ocorre no território do paradoxo, graças às artimanhas da memória. Na mesma medida em que vamos preparando a cerimônia de adeus, revisitamos cada vez mais a nossa trajetória passada e descobrimos aspectos reveladores, especialmente no período da nossa juventude. Não porque sonhemos em ser para sempre jovens, inútil fantasia para se aferrar à vida. Mas porque, retroativamente, vamos agregando novas nuances aos fatos e captando novos sentidos às emoções que só existem em nossa lembrança.

Com o avançar da idade, passamos a habitar uma espécie de grande sítio arqueológico. E é isto que a vida passa a ser: um amontoado de circunstâncias – de maior ou menor significado, não importa – soterradas pelo tempo, esse escultor de mitos. É o tempo, na verdade, que ressignifica histórias vividas, como se fornecesse ingredientes específicos para transformar tais circunstâncias em mitologemas, ou seja, transfigurá-las enquanto mito. Nesse território de soterramentos, a vida revela facetas inéditas. Na verdade, trata-se de aspectos que ela sempre abarcou, mesmo quando não soubéssemos nem reconhecêsemos. Em outras palavras, ao vestir a roupagem mítica, a vida se nos revela também como uma experiência envolta em nova luz, que aponta para a sacralidade. Sentir-se parte do mito é, de fato, vestir os paramentos sagrados da cerimônia de adeus encenada nessa trajetória única, irreversível e inédita que constitui a nossa história, vale dizer, a trajetória de cada ser humano em direção à morte.

De que modo o processo de envelhecer se mostra rico em formulações míticas? Antes de tudo, o envelhecimento vai nos tornando mitos para nós mesmos, como se desvendássemos partes do nosso mistério pessoal. Quanto mais a vida se alonga e o nosso olhar se distancia, mais vamos compreendendo nossa trajetória como um alinhavo de fatos que revelam algum sentido prodigioso, só percebido ao se encadearem com o passar do tempo. Muitas vezes, tal sentido se configura depois de nós, após o desenlace da nossa trajetória. Mas, ao falar em “prodígio”, não estou dizendo que nossa vida se tornou um rosário de maravilhas e vitórias, a ponto de nos descobrirmos heróis. O prodigioso nasce do banal, e o herói será fruto do acaso, se existir. Quantas vezes lembro de fatos quotidianos do passado, e o mero fato de reconstituí-los na lembrança me leva a senti-los como marcos míticos, pois essa revisão os vai encaixando como num jogo de xadrez, em que tudo se completa, mesmo quando não revela seu sentido completo. Os fatos ficam envoltos numa luz de epifanias.

Tenho motivos para crer que tal condição visionária seja particularmente fecunda nas velhices LGBT, cujas vidas são plenas de rupturas com sua cultura, seu tempo, seu mundo. Seja aquela decisão intuitiva que tomei na infância de menino maricas (recusar a virilidade padronizada depois que me jogaram num rio caudaloso “para aprender a ser homem”). Ou aquela invenção da minha adolescência no seminário para padres (dirigir peças de teatro com colegas travestidos fazendo papéis femininos). Ou aquela criação da minha idade adulta (meu filme com um bando de excluídos à procura do seu país, entre os quais uma travesti negra filha de Carmen Miranda). Tornaram-se epifanias míticas. Por quê?

Na velhice, todas essas vivências distantes soam como marcos, no sentido literal de que me marcaram e ficaram marcadas por uma nova importância inexistente ao meu olhar, quando aconteceram – e só a percebo agora. O tempo transfigura dores e amores, de modo inexorável, como se seu grande relógio fosse também um grande alquimista que transforma banalidades em raridades. Lembra daquela camiseta de duas cores esdrúxulas que um tio predileto me deu? Nunca mais voltei a me deparar com o encantamento de vestir aquelas cores, que encheram de beleza o início da minha adolescência. Na verdade, ainda que ninguém me notasse, eu desfilava pelo centro de São Paulo como um rei, fosse aguardando na insuportável fila do ônibus de volta à periferia, fosse comendo um sanduíche grego na esquina do Largo Paissandu. Dentro daquelas duas cores, eu estava ungido de realeza. E não sabia.

Por outro lado, o tempo pode transfigurar também para o modo cruel, em sua marcha constante. Funciona como uma bomba-relógio que marca a passagem retroativa não do período que soma, mas do período que diminui. E essa crueldade também é mais feroz para LGBTs por sua condição de exclusão. Para alguém que passou a vida dentro de uma cultura que rejeita e expelle sua maneira de amar, nesse pouco tempo restante da nossa velhice ocorrem mais percalços do que às pessoas idosas incluídas na cultura-padrão. Em seu passado de dissidências, pode brotar a tentação da mágoa e do ressentimento que afeta os rejeitados. Ter sofrido uma tentativa de homicídio, ao ser jogado num rio caudaloso por ser maricas, certamente criou em mim dores difíceis de cicatrizar. Mesmo que isso tenha ocorrido na infância e depois não parecia mais atuante, a marca da dor é eterna, está lá, inscrustada na alma. Sua sombra pesa sobre o presente, o passado e o futuro. É ela que impõe a sensação de exílio que percorre todo o trajeto da vida.

Afinal, dissidentes vivem em estado diaspórico dentro de seu próprio país.

Em resumo, existe o mito da Beleza e existe o mito da Dor, na transfiguração da velhice. Para essas dores que geraram cicatrizes incuráveis, não há resposta viável senão o perdão. Mesmo que não consigamos alcançar o dom do perdão definitivo, alguma forma de perdão valerá. Não falo de um perdão misericordioso e doce. Falo da dura batalha de aprender a perdoar, como parte de um projeto necessário para envelhecer. Trata-se do perdão como prática reiterada, treinamento incessante para reconhecer a dor vivida e desarmar a mágoa. Uma espécie de reconciliação para aprender a andar sobre uma corda bamba, longe da resignação cristã. Em meio ao desamparo sem cura das existências ímpares, perdoar começa por se perdoar.



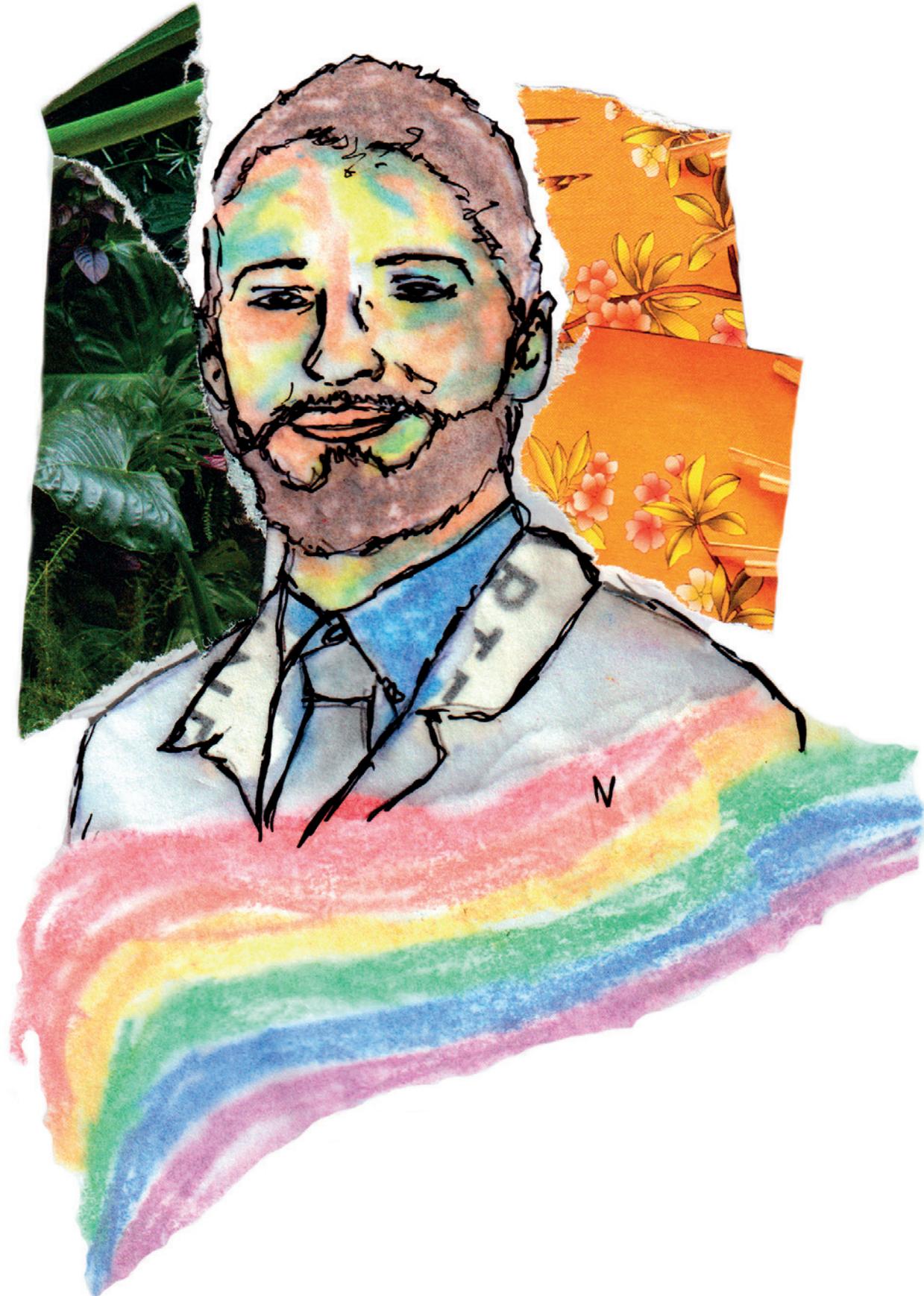


GÊNERO, SEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO

Ale Mujica

A ideia é discutirmos e conversarmos sobre o que entendemos sobre cada uma dessas categorias: gênero, sexualidade e envelhecimento. Analisaremos quais seriam os paradigmas, imaginários e narrativas que as circulam e as suas intersecções com raça, etnia e corpo. Por fim, considerando o envelhecimento e a estrutura cisheteronormativa branca colonial, pretende-se refletir: Quem tem o direito de envelhecer? Como desejamos envelhecer? Que corpos-pessoas-identidades podem envelhecer? E de que forma?

Ale Mujica é médica, ativista dos movimentos trans, lésbico, gordo, feminista, movimento em saúde e da Frente Catarinense Pela Descriminalização e Legalização do Aborto.



POR QUE FALAR EM ENVELHECIMENTO E SAÚDE LGBT?

Milton Crenitte

Milton Crennite, Geriatra, Coordenador do ambulatório de sexualidade da pessoa idosa do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Professor do curso de Medicina da USCS e voluntário da Associação EternamenteSou.

Essa pergunta tem sido feita a muitos de nós nessa recente trajetória e para respondê-la, e a qualquer um que pense em silenciar vozes não hegemônicas, há a seguinte contestação: por que não falar? E a quem interessa manter as pessoas idosas LGBT na invisibilidade?

Num país em que envelhecer ainda não é um direito de todes, são muitas as injustiças e desigualdades que pessoas idosas LGBT podem vivenciar. Por um lado, elas têm que sobreviver em uma sociedade gerontofóbica, que valoriza aspectos relacionados à juventude, reduzindo o valor dos mais velhos. Por outro, também precisam resistir aos preconceitos conservadores, machistas e heterocisnormativos. Sem falar nas opressões racistas que pessoas de cor de pele preta ou parda podem enfrentar.

Nesse contexto, é preciso resgatar o conceito das vulnerabilidades individual, social e programática. A primeira se relaciona aos aspectos físicos e/ou cognitivos que levariam a pessoa a um maior ou menor risco de adoecer. Já a segunda seria ditada pelo contexto socioeconômico e cultural em que estamos inseridos. E, por fim, a vulnerabilidade programática abrange todas as ações que o Estado faz ou deixa de fazer para proteger sua população.

Em outras palavras, não basta orientar, por exemplo, uma pessoa idosa a praticar 30 minutos de atividade física diariamente a fim de promover o envelhecimento saudável. É preciso entender se aspectos sociais a impedem de chegar à unidade de saúde para receber essa orientação, se o local onde mora tem as condições propícias para isso e se ela tem condições financeiras para tal, entre outras coisas. Ou até mesmo se existe uma política pública voltada para sua inserção e o fácil acesso aos equipamentos de saúde.

Agora, retomando a pergunta inicial deste artigo, se a sua resposta foi no sentido de pensar que não devemos falar porque isso aumentaria o preconceito ou porque “somos todos iguais”, sinto por um lado, mas espero que as reflexões deste seminário ajudem a pensar um mundo em que não tenhamos medo de apontar os dedos para nomear as diferenças, a fim de reduzir as injustiças desnecessárias a que as pessoas estão expostas.

Basta nos lembrarmos do conceito de equidade, que é um dos princípios norteadores do SUS (Sistema Único de Saúde), para o qual a única maneira de reduzir as desigualdades seria investir ou tratar de maneira diferente e justa os desiguais. Por isso, não falar sobre as velhices LGBT significa perpetuar as invisibilidades de suas vidas, sem mencionar ainda as violências e situações desafiadoras que precisam superar.

Um bom evento a todes!





SEXUALIDADE E VULNERABILIDADES

Mariana Aguiar Bezerra

Assistente Social, especialista em Saúde do Idoso em Cuidados Paliativos (USP), especialista em Gênero e Sexualidade (UERJ) e mestranda em Serviço Social (PUC/SP).

A palavra vulnerabilidade vem do latim *vulnerabilis*, que na conexão dos vocábulos (*vulnerare* + *bilis*) significa primeiramente ferir, atacar, e *bilis* suscetível a. Vulnerabilidade quase sempre nos remete à ideia de diferentes situações que podem colocar um indivíduo em risco, uma vez que também indica as desigualdades de acesso a bens e serviços públicos, somado ao aspecto subjetivo e pessoal do indivíduo.

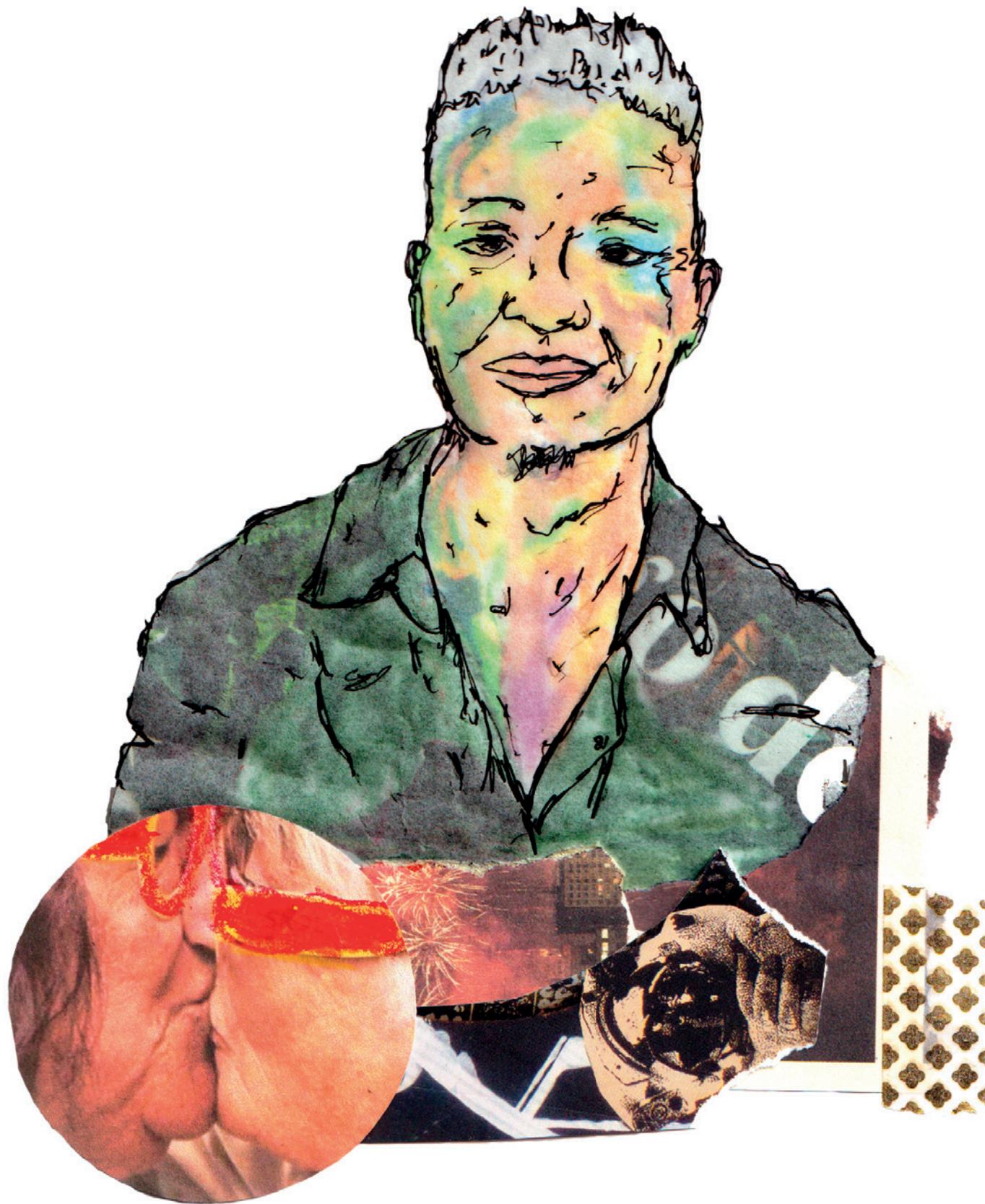
Nesse contexto, é importante analisarmos e compreendermos as desigualdades a partir da interseccionalidade, pois Patricia Hill Collins em seu livro “Interseccionalidade” (2021), “considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária - entre outras - são inter-relacionadas [...]”, ou seja, “[...] não se manifestam como entidades distintas e mutuamente excludentes.

Se as pessoas idosas, heterossexuais e cisgêneros sofrem diversas discriminações, como é a vivência do envelhecimento e o etarismo somado à LGBTIfobia? Afinal, pessoas idosas também possuem orientação sexual e identidade de gênero. E pra não esquecer: possuem raça/cor, classe social, entre outros marcadores sociais da diferença.

Com isto, de acordo com Mateus Egilson da Silva Alves e Ludgleydson Fernandes de Araújo, no artigo “Interseccionalidade, Raça e Sexualidade: compreensões para a velhice de negros LGBTI+” (2020), observa-se que “os preconceitos para com idosos se intensificam conforme as relações raciais, socioeconômicas, de gênero e sexualidade, repercutindo em maior vulnerabilidade social, psíquica, física, patrimonial [...]”.

A partir disso, te faço um convite: vamos pensar no envelhecimento por uma análise crítica, colorindo a finitude da vida?





LIBIDO, TESÃO É OPRESSÃO

Luís Baron

Luís Baron é vice-presidente da Associação Eternamente Sou, palestrante e criador do canal @topassado_

“O opressor não seria tão forte se não tivesse cúmplices entre os próprios oprimidos.”

Simone de Beauvoir

A percepção da velhice ocorre de fora para dentro, num reconhecimento sócio-capital-político. Na esteira desse reconhecimento surgem muitas outras questões. Como a sociedade enxerga a velhice? Como a libido impulsiona para o futuro e como a orientação sexual continua a nortear as pessoas até a sua morte?

O apagamento das velhices é violento e coloca esse grupo num limbo existencial onde não há mais o reconhecimento das subjetividades e das demandas mais íntimas desse grupo. Imaginem a violenta opressão que significa o não-reconhecimento da orientação sexual ou da identidade de gênero para pessoas que lutaram uma vida para ter o mínimo de conforto com seus desejos.

Quando pensamos no desejo, podemos entender que não basta a vivência plena do tesão num suposto estado do “eu”, em que as relações sociais não são consideradas. Somos seres sociais. A vivência plena da sexualidade é uma condição para uma existência integral. Libido, tesão e opressão. Como essas palavras andam juntas e como a opressão se dá por caminhos as vezes óbvios, outras vezes nem tanto.

Ao descaracterizarmos as individualidades humanas, as infinitas possibilidades da sexualidade, criamos pessoas amorfas e prontas para serem apagadas.

A libido leva ao futuro, um punch existencial que impulsiona o desejo. O tesão é um ato político e revolucionário íntimo, que ao extrapolar o indivíduo passa a ser um elemento social libertador, que nos tira de uma margem sombria. A sexualidade, quando vivida plenamente nas suas cores e nas suas possibilidades, torna a vida mais digna e feliz.

Na sexualidade está a base das lutas do movimento LGBTQIA+ e das diversas formas de existir dentro desse grupo. As velhices LGBT+ são algo a ser vivido na sua plenitude, sem a opressão heteronormativa a que fomos sujeitados por uma vida inteira. Viver plenamente quem se é, em qualquer idade, é uma atitude fundamental no combate à opressão. Tesão é um ato político!



SEXUALIDADE E DIVERSIDADE

João Doescher

Coordenador de Programação do Sesc Registro, gestor cultural pelo CPF-Sesc, especialista em Artes Cênicas pela Faculdade Paulista de Artes (FPA) e graduado em Biblioteconomia pela Unesp. Desenvolve projetos voltados à mediação, às manifestações culturais e de diversidade em atividades artísticas, literárias e de bem-estar.

A noção de diversidade no tempo e na percepção dos próprios grupos – que vão se formando socialmente e estão em constante relação consigo e com o outro – pode se constituir em atrações e atritos. Esse transitar de identidades, gerações e valores justifica bastante a visão que as pessoas fixam do mundo, de como aprendem a se relacionar e decidem ou não adentrar diversos contextos diferentes do seu.

Para essa discussão, eu permito trazer três pilares: os padrões corporais, o apagamento e a visibilidade sociais e a interação/mediação entre as gerações e seus grupos. É bom lembrar que falo de um lugar das contribuições dos estudos culturais e, por isso, o corpo está ligado ao imaginário divulgado e acordado na sociedade. A fixação e a definição de padrões greco-latinos são um ponto essencial no decorrer do tempo ocidental e bem perigoso, na medida em que colocam no centro o ideal de perfeição, de um corpo atlético. Sobre isso, Stéphane Malysse* explica que o corpo é o ponto central de padronização e de subjetividade na projeção da imagem do sujeito:

“Na busca de um corpo ideal, os indivíduos incorporam as imagens-normas dessa nova estética e se condenam a uma aparência que lhes escapa irremediavelmente”.

***(H)altères-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca**, presente na obra “Nu e vestido” (org. Miriam Goldemberg, Record, 2002).

Com isso, podemos discutir o espaço que essa forma proporcional grega e única toma frente à promoção da diversidade estética. E também o quanto é essencial a discussão das consequências da escolha de um padrão no tempo, na história, causando o apagamento ou a visibilidade sociais de grupos e de corpos. Nesse padrão de beleza predominante que comentamos, o corpo masculino, por exemplo, também sofre uma fixação de modelo no imaginário que prevalece sobre muitos outros e causa problemas de aceitação. Temos de nos perguntar sobre o que se apaga com esses modelos, o que fica de fora em relação aos corpos reais existentes?

Como temos historicamente a fixação de padrões culturais, é evidente que as gerações também terão paradigmas, padrões constituídos de suas épocas, de seus grupos. Portanto é função das instituições sociais, como as pertencentes à cultura e à educação, promover novos acessos a ao conhecimento sobre a diversidade e a programação voltada a esse público, e também a interação de diversos públicos, de respeito à diversidade, contribuindo para a ruptura de um único padrão.

A apropriação de objetos culturais e educacionais pode se originar das ações de mediação, que, por sua vez, são estabelecidas pelo diálogo na coletividade, no grupo. Isso é uma alternativa, uma resistência aos inúmeros exemplos de conflitos sociais por causa de padronizações e da falta de formação para a diversidade, já que a luta entre os padrões de prestígio da heteronormatividade, em detrimento da homossexualidade, é grande em pleno século 21. É preciso pensar que, quanto mais espaços de acolhimento e representatividade encontrarmos nas instituições culturais e educacionais, maior será o aprendizado coletivo e menor o atrito intergerações.



PROGRAMAÇÃO





14h:

Boas-vindas

Com Tchaka Drag Queen

12/08

14h20: Os Tempos

Mediador: Carlos Eduardo Henning (ESou)

História dos Tempos LGBT 50+

Com João Silvério Trevisan

O Tempo e sua subjetividade

Com Letícia Lanz Trevisan

15h40: Intervalo

16h:

O Tempo e Saúde das Pessoas LGBT 50+

Mediador: Guilherme Almeida (UFRJ Rio)

Saúde e Envelhecimento

Com Milton Crenitte (ESou)

A expressão “grupo de risco”:

O Preconceito e discriminação de 1980 a 2021

Com Veriano Terto (ABIA)

17h20: Encerramento

14h:

Boas-vindas

Com Tchaka Drag Queen

13/08

14h20: Gênero

Mediador: Bárbara Esmenia

Gênero e Raça

Com Liliane Rocha

Gênero e Envelhecimento

Com Ale Mujica

15h40: Intervalo

16h: Sexualidade

Mediador: Claudia Reis (ESou RJ)

Libido, tesão, e opressão

Com Luis Baron (ESou)

Sensualidades e Vulnerabilidades

Com Mariana Aguiar (PUC-SP)

Sensualidade e diversidade

Com João Doescher

17h30: Encerramento

CONVIDADOS E CONVIDADAS



Ale Mujica

Doutora em Saúde Coletiva, possui graduação em Medicina - Universidad Autónoma De Bucaramanga, Colômbia - UNAB (2009), especialização em Docência Universitária - Universidad Industrial de Santander, Colômbia (2012), mestre em Saúde Coletiva pela UFSC (2014) e Doutore em Saúde Coletiva, pela UFSC (2019). Desenvolve pesquisas no campo das questões Trans (Transexualidades, travestilidades e transgeneridades), saúde LGB, gênero e saúde, gordofobia e políticas públicas.

Bárbara Esmenia

Poeta, dramaturga e curinga de Teatro da/os Oprimida/os. Integra o conselho editorial da "Publicar al Sur" (México), coordenando as áreas de artes e feminismos. É uma das fundadoras da "Padê Editorial", selo independente de publicações de pessoas LGBTQ+ e mulheres negras. É formada em Letras e trabalha no núcleo socioeducativo do Sesc 24 de Maio, atuando nas áreas de Direitos Humanos, Diversidade Cultural e Valorização Social.

Carlos Eduardo Henning

Professor adjunto de Antropologia no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) e na Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Universidade Federal de Goiás (UFG). É pesquisador do Ser-Tão - Núcleo de Ensino, Extensão e Pesquisa em Gênero e Sexualidade e do NEPEV - Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Envelhecimento. Desenvolveu um período de pós-doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo - USP (2018-2019) e no Institute of Latin American Studies da Columbia University em Nova Iorque (2019). É doutor em Antropologia Social pela Universidade de Campinas - Unicamp (2014) e mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - (2008).

Claudia Reis

Lésbica, ativista, mestra em Educação pela UNIRIO e pesquisadora do Laboratório "GESER: Estudos em Gênero, Sexualidade e Raça".

Guilherme Almeida

Graduado em Serviço Social pela UERJ (1996), mestre em Ciências pela FIOCRUZ (2000) e doutor em Saúde Coletiva pelo IMS/ UERJ (2005). Tem experiência técnico-científica na área da saúde coletiva, assistência social e direitos humanos. Desenvolveu estudos, ações extensionistas e assessorias voltadas especialmente a temas relacionados à diversidade sexual e de gênero, política de saúde e relações de trabalho. Atualmente, é professor adjunto da Escola de Serviço Social da UFRJ.

João Doescher

Coordenador de Programação do Sesc Registro, gestor cultural pelo CPF-Sesc, especialista em Artes Cênicas pela Faculdade Paulista de Artes (FPA) e graduado em Biblioteconomia pela Unesp. Desenvolve projetos voltados à mediação, às manifestações culturais e de diversidade em atividades artísticas, literárias e de bem-estar.

João Silvério Trevisan

Escritor, jornalista, dramaturgo, tradutor, cineasta e defensor da comunidade LGBT brasileiro. Ex-seminarista, assumiu sua homossexualidade à época da vigência do Ato Institucional nº 5, o que lhe fez mudar-se para a Califórnia, onde acabou se assumindo politicamente. Voltando ao Brasil, foi um dos fundadores do grupo Somos na defesa dos direitos dos homossexuais e sua descriminalização na década de 1970. Até setembro de 2005, atuava como diretor da oficina literária do Sesc e assinava uma coluna mensal na revista G Magazine.

Letícia Lanz

Psicanalista, especialista em Gênero e Sexualidade pela UERJ e mestra em Sociologia pela UFPR. Formou-se também em Economia e fez mestrado em Administração de Empresas na UFMG, tendo atuado por 30 anos como consultora na área de Recursos Humanos, Desenvolvimento Gerencial e Desenvolvimento de Equipes de Trabalho, em organizações públicas e privadas do país e do exterior. Entre suas obras publicadas, estão “O Corpo da Roupa: introdução aos estudos transgêneros”(Ed. Transgente, 2ª edição); “Eu, Comigo, Aqui e Agora” (Ed. Cia para Crescer 8ª edição), entre outros.

Liliane Rocha

CEO e fundadora da Gestão Kairós, realiza consultoria em Sustentabilidade e Diversidade e é membro do grupo CEO Legacy pela Fundação Dom Cabral. É autora do livro “Como ser um líder Inclusivo” e premiada com o 101 Top Global Diversity and Inclusion Leaders.

Luís Baron

Graduado em Tecnologia da Informação, foi professor nessa área por mais de 14 anos e, a partir de 2017, começou a pesquisar sobre as velhices LGBTQ+. Ao constatar que essas velhices não tinham nenhuma visibilidade, resolveu estudar o assunto e, em 2018, ao verificar que esse assunto não era abordado nas redes sociais, lançou um canal sobre as questões das velhices LGBTQ+, o “@topassado_”, hoje presente no Instagram, Facebook e YouTube. Atualmente é o vice-presidente da Associação Eternamente SOU.

Marina Aguiar

Assistente Social com experiência profissional em Cuidados Paliativos, é mestranda em Serviço Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC. Especialista em Saúde do Idoso em Cuidados Paliativos pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo - USP, é especialista em Gênero e Sexualidade - UERJ e bacharelada em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Unesp.

Milton Crenitte

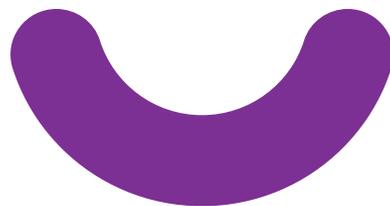
Graduado em Medicina pela Universidade de São Paulo - USP (2011), foi assistente da Divisão de Clínica Médica do Hospital Universitário da Universidade de São Paulo e médico preceptor do Serviço de Geriatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP. Atualmente, desenvolve uma linha de pesquisa sobre sexualidade e envelhecimento LGBT.

Tchaka Drag Queen

Personagem feita pelo ator Valder Bastos. Formado em artes dramáticas na Escola Teatro Macunaíma, em São Paulo, e em Direito na Universidade Brás Cubas, em Mogi das Cruzes, Valder Bastos é influenciador digital, apresentador, palestrante e empresário no ramo do entretenimento, especialista em eventos sociais e corporativos.

Veriano Terto

Possui graduação em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ (1985), mestrado em Psicologia (Psicologia Clínica) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1989) e doutorado em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1997). Atualmente, é vice-presidente da ABIA.



MEMÓRIA

O tempo nos traz muitas coisas, dentre elas a boas recordações do que vivemos e sentimos, dos momentos compartilhados. Ao longo de 2020 e 2021 nos deparamos com essa passagem do tempo e com a missão de continuar com o legado de muitos que se foram em decorrência da pandemia da covid-19 – Queremos homenagear algumas pessoas que farão muita falta nas nossas vidas e na comunidade LGBTQIA+:

**Amanda Mafre (1985 – 2020),
Anyky Lima (1955 – 2021),
Bruna Valim (1975 – 2020),
Fernando Oliveira (1965 – 2021),
Jane Di Castro (1947 – 2020),
Lia Nunes (1974 – 2021),
Miss Biá (1939 – 2020),
Sueli Antunes (1964 – 2020),
Valéria Rodrigues (1980 – 2020),
Vania de Matos (1945 – 2020) e
as mais de 565 mil mortes no Brasil.**

(DADOS ATÉ 11/08/2021 – Min. da Saúde)

Colagens/ ilustrações: Messias Souza

Realização:



Eternamente **SOU**



    /sescpompeia
sescsp.org.br